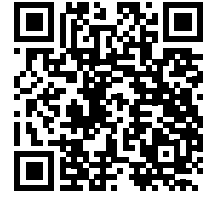


Transformar o presente para um amanhã justo, descentralizado e cooperativo



Glen Weyl

Apresentada em em 09 de novembro de 2021, na 7ª Semana de Inovação: "Ousar Transformar".



Moderadora da palestra:
Juliana Oliveira Domingues

Resumo da palestra: Os principais tópicos abordados nesta palestra dizem respeito ao uso de tecnologias sociais e como criar um novo sistema social baseado na descentralização. Além disso, o palestrante também fala sobre o desenvolvimento de um futuro que possa ser mais justo, colaborativo e descentralizado. Ele também explora as possibilidades de organização do mercado e da sociedade, visando aumentar a prosperidade e a cooperação. Ademais, Weyl compartilha alguns ideais do seu mais recente livro "Mercados Radicais: Reinventando o capitalismo e a democracia para uma sociedade mais justa".

Palavras-chave: Descentralização; Cooperação; Democracia Digital; Antitruste; Tecnologias sociais.



JULIANA: Boa tarde a todos e todas!

Como o uso de tecnologias sociais pode criar um novo sistema social a partir da descentralização? Como, afinal, criar futuros mais justos, descentralizados e cooperativos? A seguir, com Glen Weyl, vamos explorar possibilidades de organização do mercado, da sociedade, visando o aumento da prosperidade e da cooperação.

Glen Weyl é o fundador da Fundação RadicalxChange, Economia Política e Tecnologias Sociais da Diretoria de Tecnologia da Microsoft. Seu trabalho é orientado para imaginar, construir e comunicar o futuro plural para a tecnologia social que seja mais fiel a nossas vidas e diversidades, apontando caminhos possíveis para essas mudanças profundas a partir de tecnologias sociais e mecanismos de mercado, para criar uma sociedade mais rica e igualitária. Glen vai compartilhar conosco os insights de seus últimos livros, entre eles o recente “Mercados Radicais, reinventando o capitalismo e a democracia para uma sociedade mais justa.”



GLEN: É uma honra estar aqui com todos vocês e tem sido uma honra cooperar com vocês nos últimos anos, tentando imaginar, juntos, um futuro melhor. Portanto, é sobre isto que quero falar hoje. Uma das minhas citações favoritas é uma fala de Albert Einstein, de 1932, com a qual ele abriu a conferência sobre desarmamento naquele ano. Ele escreveu:

“O que os gênios inventivos da humanidade nos concederam, nos últimos cem anos, poderiam ter feito a vida humana mais despreocupada e feliz se o desenvolvimento da organização do poder humano tivesse sido capaz de acompanhar seus avanços técnicos. No entanto, da forma como são utilizadas, as difíceis conquistas da era das máquinas nas mãos da nossa geração são como navalhas nas mãos de uma criança de três anos.”

Nesse sentido, eu penso que Einstein nos inspira a considerar como nossas tecnologias, por exemplo nossas tecnologias de comunicação, chegaram tão longe. Nós costumávamos escrever nas paredes das cavernas. Depois, desenvolvemos as prensas (de impressão). Mais tarde, fomos capazes de ouvir uns aos outros, por longas distâncias, com o telefone. E, hoje em dia, podemos nos ver através de uma espécie de televisão, simultaneamente, em videoconferências. Entretanto, as ferramentas básicas que usamos para nos organizar, como por exemplo, as dinâmicas da democracia representativa, dinheiro de voto, etc, realmente não mudaram muito ao longo do tempo. Apesar disso, eu acredito que nós temos potencial para transformar fundamentalmente estes aspectos, modificando de maneira profunda a forma como interagimos em pequenos grupos, assim como fizemos com os meios de comunicação em larga escala.

Em outras palavras, nós partimos de formas de comunicação muito primitivas, ou seja, da maneira mais básica de comunicar informações, em forma de texto, para ferramentas de comunicação muito mais ricas. Por exemplo, como o que estamos fazendo neste momento, através desta videoconferência, que me permite chegar até vocês, mesmo estando do outro lado do mundo, em Seattle, Washington.

Além disso, deixe-me explicar o que estou dizendo de forma mais ampla. O capitalismo é otimizado por um conjunto de circunstâncias, que são chamadas de retornos decrescentes.

Estes são contextos em que, quanto mais pessoas estão envolvidas em algo, mais elas se sobrepõem umas às outras, mais elas preenchem o espaço, porém menos elas são capazes de contribuir. Deixe-me dar um exemplo disto: estas circunstâncias fazem sentido em uma fábrica, em que se tem um espaço limitado e são colocadas mais e mais pessoas, acabando por lotar o espaço. No entanto, o capitalismo não é otimizado por um contexto de retornos crescentes, ou o que poderia ser chamado de tecnologia exponencial, uma vez que isto são circunstâncias em que quanto mais pessoas estão envolvidas, maior a escala e, portanto, mais poderoso é o sistema. Cidades são exemplos clássicos disto. O motivo pelo qual São Paulo tem aproximadamente 30 milhões de pessoas é que todos são capazes de se beneficiar destas interações.

Você pode fornecer mais serviços para mais pessoas, a um custo menor, ao ter mais pessoas reunidas. Mas o problema fundamental é que, em contextos de retornos decrescentes, você pode pagar salários maiores para todos os trabalhadores por sua contribuição incremental, por aquilo que eles acrescentam e, mesmo assim, ainda ter algo de lucro.

Porém, quando se tem retornos crescentes, se você tentasse pagar a todos por sua contribuição adicional, pelo que eles acrescentam, você iria à falência, teria grandes perdas. Portanto, você não pode fazer isto no sistema capitalista. Dessa forma, não se pode ter a ideia de que o capitalismo destina-se a promover a noção de eficiência econômica e também ter o poder das tecnologias exponenciais, uma vez que você tem que apoiar e otimizar estes usando diferentes tipos de sistemas.

Além disso, um outro problema é que tudo o que cria modernidade, tanto os benefícios como as desvantagens vêm destas tecnologias exponenciais, destes processos auto-reforçados de retornos crescentes, quer seja o poder inicial de produção em massa, o qual inspirou a “Riqueza da Nação”, de Adam Smith, ou mesmo as possibilidades modernas de tecnologias de rede. E, é claro, o lado obscuro de ambos. Por exemplo, a forma como o poder produtivo está descontrolado e destruindo o planeta, ou ainda, a forma com que nossas redes estão fora de controle, criando desinformação e minando nossa capacidade de nos autogovernar.

Tendo isso em mente, conseqüentemente nós precisamos inventar novas abordagens que sejam diferentes do padrão das organizações capitalistas. Ao invés disso, essas abordagens devem ser otimizadas para gerenciar estas tecnologias exponenciais, estes processos de retorno crescentes. E eu gostaria de dar alguns exemplos disto. Por exemplo: o trabalho conjunto de Vitalik com a fundadora da Ethereum, Zoe Hitzing (que é uma poetisa, filósofa e economista de Harvard), que chama-se “Finanças Quadráticas.”

A ideia é que, ao invés de financiar novos empreendimentos, como normalmente se faria (com todos apenas colocando fundos, e o valor que o empreendimento receberia, seria a soma dos recursos aportados), haverá um capital “Pool”, fornecido por um filantropo, por uma plataforma ou por um governo, que corresponderá a essas contribuições individuais.

Portanto, a quantia total recebida pelo empreendimento não será a soma das contribuições, mas o quadrado da soma das raízes quadradas. Isto significa que nós conseguimos mais pequenas contribuições do que grandes e contribuições para causas com muitos indivíduos contribuintes, mais do que aquelas com poucos indivíduos contribuintes. Portanto, este princípio básico é, na verdade, bem conhecido.

Por exemplo, na cidade de Nova York, você consegue contribuir com qualquer quantia para um candidato político, digamos, seis por um, até \$100, contanto que haja outras novecentas e noventa e nove pessoas fazendo contribuições. Obviamente, estes números são arbitrários. Na verdade, esta ideia pode ser derivada, ou a versão correta dela, vem de uma fórmula que usa uma lógica econômica básica, baseada no princípio da carona (“Free-riding principle”).

Por exemplo, se você tem uma pequena parte de um grande bem público, você não levará em conta o valor total. Isso significa que você contribuirá muito menos do que seria o ideal. Então, o que esta fórmula faz é: igualar o que você tem, de forma inversamente proporcional a uma parcela do valor total do que tem. Isso quer dizer que, se você representa uma fração muito pequena, uma contribuição muito pequena, você obterá uma correspondência muito grande. Por outro lado, se você for um grande contribuinte, você obterá uma correspondência muito menor.

Em vista disso, hoje em dia, este procedimento vem sendo utilizado em todo o mundo para financiar tudo, desde campanhas de mídia, apoiando pequenos negócios e softwares livres, como também dentro do ecossistema Ethereum. Além disso, ele oferece uma maneira muito poderosa de reimaginar procedimentos como “crowdfunding” ou mesmo o funcionamento do capitalismo como um todo.

Entretanto, isso levanta algumas questões. Como podemos financiar esses fundos correspondentes sem prejudicar o dinamismo da economia? Nesse sentido, nós sabemos que os impostos podem prejudicar o crescimento econômico, mas precisamos desses impostos para sustentar os bens públicos. Ademais, esta é a semente de uma outra ideia chamada “Licenças auto-avaliadas vendidas em leilão” (Self-Assessed Licenses Sold at Auction or SALSA), que foi proposta pela primeira vez por um economista da Universidade de Chicago, Arnold Harberger, que é famoso por ser o “garoto de ouro original de Chicago”.

Porém, antes de fazer qualquer tipo de política de livre mercado, normalmente associada com o experimento chileno, ele teve essa ideia brilhante baseada no trabalho de Henry George e do revolucionário chinês Sun Yat-sen. Então, ele disse:

“Se você tiver que fazer uma base para impostos, adote um critério que determine o valor econômico real. A solução que o economista oferece é simples e direta: permitir que o próprio proprietário declare o valor, tornar públicos os valores e obrigar o proprietário a vender sua propriedade a qualquer pessoa disposta a pagar o valor declarado”.

Portanto, este sistema é simples e cria incentivos, mesmo além daqueles existentes nos mercados de ativos a serem empregados em seus dons econômicos mais produtivos. Uma vez que, basicamente, cria-se um sistema que usa os impostos, não para desacelerar o mercado, mas para acelerá-lo. Em outras palavras, tudo fica sujeito à possibilidade de compra e, no processo, aumentam-se os impostos, para que, assim, possam apoiar o desenvolvimento de empreendimentos cooperativos de bens públicos.

Efetivamente, eu acredito que isto está criando uma versão muito mais dinâmica de democracia, na qual estamos constantemente criando novas organizações, utilizando Financiamento quadrático. Além disso, na realidade, ao utilizar esses impostos, eles, de certa forma, acabam se reduzindo. Por conseguinte, eles estão sempre sujeitos a alguma forma de eleição e também à prestação de contas perante o público.

Apesar destas ideias parecerem radicais ou transformadoras, na verdade, elas já estão começando a mudar nosso mundo. Por exemplo, elas desempenham um papel fundamental em Taiwan, a democracia digital mais bem sucedida do mundo, permitindo que as pessoas participem do autogoverno e da solução de problemas-chave. Desse modo, estas ideias transformaram Taiwan no país mais bem sucedido do mundo em lidar com tudo, desde o COVID, até a desinformação. Além disso, elas também são usadas para alocar o orçamento do estado do Colorado e também para alocar milhões de dólares em fundos para softwares de código aberto no ecossistema Ethereum.

Ademais, nós temos, atualmente, centenas de grupos em todo o mundo que estão trabalhando para tentar implementá-las, incluindo um grupo extremamente dinâmico, liderado por Juliana (apresentadora da palestra), no Brasil. No entanto, estes foram somente alguns exemplos de problemas e apenas o começo do processo de desenvolvimento das tecnologias sociais transformativas.

Mas, há tantos outros problemas conhecidos que nossas instituições existentes abordam de forma errônea, desde a estrutura da identidade social até a própria instituição do dinheiro, sendo que estas são rasas e deixam de fora muitos elementos importantes, com os quais os sistemas sociais devem ser construídos. Além disso, nossa representação é rígida e baseada em limites geográficos pré-definidos. E também, há a maneira com que se negligenciam os efeitos da comunicação e de outros signos sociais nas pessoas e como prejudicam a criação de valor social.

Por exemplo, nós partimos de sistemas de inteligência de máquinas em que elas apenas faziam cálculos para jogar xadrez, até o ponto em que elas são capazes de identificar imagens. Além disso, temos essa aspiração de que a tecnologia, eventualmente, alcançará a flexibilidade da mente humana. Ademais, a comunicação partiu de formas rudimentares de representação das coisas, atravessando distância e tempo, atingindo um ponto em que nós talvez consigamos ter conexões interpessoais mais ricas do que pessoalmente.

Apesar disso, eu acredito que podemos alcançar um patamar semelhante ao que temos crescentemente atingido com nossas tecnologias de comunicação, ou seja, nós podemos ter interações tão ricas com pessoas que estão distantes, quanto as que teríamos numa democracia municipal local. Portanto, para fazer isso acontecer, nós temos que criar uma cultura de tecnologia social radical.

O que requer ciência fundamental, em outras palavras, demanda que consideremos a ciência social como a base para uma justiça tecnológica transformadora, assim como consideramos a ciência natural. Também requer empreendedorismo e experimentos como os que estão fazendo no ecossistema da Ethereum, visando o desenvolvimento de ferramentas, para que as pessoas possam fazer isso em escala. Por fim, demanda cultura e imaginação, de forma que nós possamos sentir e viver essas coisas.

Nesse sentido, um dos meus exemplos favoritos é a mais recente versão de “Civilização” (“Civilization”), o jogo de estratégia mais vendido de todos os tempos, que incorpora o Voto Quadrático, um primo do Financiamento Quadrático, como base para sua mecânica de votação diplomática. Isto significa que milhões de pessoas, todos os dias, são expostas a algumas destas ferramentas ao jogar estes tipos de jogos.

Consequentemente, isto requer ativismo, ou seja, demanda que as pessoas incorporem estas ferramentas em como elas imaginam o futuro de seu governo e também ao que elas estão lutando politicamente, indo além dos debates desgastados do século XX. Portanto, estas ferramentas deveriam, na realidade, transformar a forma como vivemos juntos democraticamente, visando alcançar um patamar de sucesso político, econômico e de saúde social, semelhante ao que Taiwan conquistou.

Além disso, para fazer com que isso aconteça, nós precisamos que todos se envolvam, por todos os talentos que vocês trazem, seja você uma pessoa que imagina, cria, ou alguém que constrói, ou ainda, que é engajado politicamente. Dessa forma, todos vocês têm um papel a desempenhar para nos ajudar a desenvolver as tecnologias sociais necessárias para um século XXI próspero.



JULIANA: Obrigada, Glen! Eu gosto muito de interagir com o Glen. Em diversas ocasiões, eu tive a oportunidade de discutir sobre seu livro. Nós, inclusive, começamos um grupo na Universidade de São Paulo para debater suas ideias, o qual nos permitiu disseminá-las consideravelmente, até mesmo o conceito de Voto Quadrático.

Neste momento, nós teremos a oportunidade de interagir com o público. Mas, antes disso, apesar de eu não gostar de monopolizar a fala, eu acredito que este seja o momento ideal para partilhar com todos como os capítulos de seu livro foram propagados pelo mundo, dentro do movimento RadicalXChange (“Intercâmbio Radical”). Por exemplo, nós tivemos alguns trabalhos sendo feitos na Ásia e na Europa também. Então, talvez o Glen gostaria de compartilhar estas informações conosco: como, no último ano, com o Coronavírus, estas ideias foram de alguma forma discutidas e aplicadas.



GLEN: Como mencionei antes, Taiwan é o caso mais empolgante, bem-sucedido e abrangente. Eu acho que isto se deve ao fato de eles terem enfrentado alguns desafios realmente difíceis.

Isto é, Taiwan encontra-se muito próximo à China, sentindo todos os dias a ameaça de seu autoritarismo. Por isso, eles queriam mostrar uma alternativa. Ademais, eles enfrentaram o ataque da pandemia antes de todo o mundo. Portanto, diante destas ameaças, eles tiveram que responder adotando essas novas tecnologias. E eu acho que isso não se assemelha a nenhum dos problemas enfrentados no ocidente.

Por outro lado, no ocidente, as coisas têm acontecido de forma mais lenta. Mas tivemos alguns sucessos por aqui também. Por exemplo, Danielle Allen, que está na diretoria da RadicalXchange (“Intercâmbio Radical”) e está concorrendo para governadora de Massachusetts. Além disso, recentemente, o estado do Colorado se tornou um laboratório de inovação de muito sucesso, tanto no setor privado, quanto no público, usando essas ideias.

Dessa forma, essas ideias têm sido desenvolvidas por toda parte, desde a Finlândia até o Brasil, desde o Chile até a Colômbia. Então, estamos muito empolgados com a maneira com que esses experimentos estão viajando. Mas, de fato, o mais bem sucedido dentre eles, é Taiwan.



JULIANA: Glen, temos aqui algumas perguntas que foram votadas. E a primeira pergunta a ser feita será a que foi mais votada. Ela é bem simples: “Como descentralizar e ser justo ao mesmo tempo?”



GLEN: Ótima pergunta! Eu penso que a essência disso, para mim, é dar-se conta de que uma descentralização robusta sempre depende de ir além da nossa noção simplificada de descentralização. Então, o que isto significa? Por exemplo, quando os fundadores da República Americana, os formuladores da constituição, criaram o país, poderiam ter dito apenas: “Ah, queremos democracia”.

Quer dizer, uma pessoa, um voto, etc. Porém, não foi isto que eles fizeram. O problema era que havia muita divisão dentro do país, muitos grupos diferentes que precisavam ser protegidos e, também, minorias. Apesar de eles não terem feito as coisas de maneira perfeita, uma vez que eles oprimiram Afro-americanos, por exemplo, eles levaram em consideração a complexidade dos diferentes grupos e como eles tinham que se relacionar uns com os outros.

Assim, para que se possa manter a descentralização e também ser justo, nós precisamos considerar o tipo de estrutura de rede social, a diversidade e os diferentes grupos sociais que existem no nosso mundo. Por fim, nós precisamos reunir estes elementos ao construir a estrutura da descentralização. E é exatamente o que processos como o Financiamento Quadrático fazem.

Em outras palavras, eles permitem a emergência destes grupos sociais, para que eles possam governar coletivamente, e não somente para que os indivíduos prosperem. Portanto, eles permitem, simultaneamente, que tenhamos um sistema muito descentralizado, em que tudo vêm de baixo para cima. Mas, ao mesmo tempo, estabelecemos regras que possibilitem que esse tipo de governança coletiva crie justiça e igualdade.



JULIANA: Perfeito! Temos aqui muitas perguntas sendo encaminhadas. A próxima foi extremamente bem votada. Segue a pergunta: “Quais seriam outras formas de representação política, radicalmente transformativas, que não fossem baseadas na distribuição de pessoas pelo território físico-político-administrativo?”



GLEN: Eu acredito que, neste momento, os distritos eleitorais são geralmente configurados em bases geográficas. Assim, em uma região em particular, você elege um representante. Às vezes, há algumas nações que possuem representação proporcional. Na verdade, eu esqueci qual sistema o Brasil tem.

Mas, o problema é que isso só faz sentido quando todas as formas pelas quais as pessoas se relacionam umas com as outras estão relacionadas à proximidade física. Mesmo se este fosse o caso, seria um pouco estranho. Porque, com frequência, as divisões de distritos são estranhamente alinhadas a aspectos geográficos e linguísticos ou qualquer outra coisa que faça as pessoas se sentirem próximas umas às outras.

Entretanto, nos dias de hoje, há tantas outras maneiras de se estabelecer relações, sejam elas por minorias sexuais, grupos raciais, pessoas interessadas em determinado tema, ou mesmo indivíduos que fazem parte de uma comunidade específica de criptomoedas, etc.

Nesse sentido, o que precisamos, cada vez mais, é uma forma de usar todo este conjunto de informações provenientes de nossas redes sociais, e não somente de nossa localização física, para formar distritos efetivamente representativos. Portanto, processos como o Financiamento Quadrático e ferramentas para além dele, nos darão o poder de reconhecer os verdadeiros aglomerados de afinidade, ao invés de ter somente representações baseadas em algum tipo arbitrário de jurisdição histórica ou física.

Para resumir, nós podemos ter representatividade para todas essas diferentes formas, com as quais estamos socialmente conectados uns com os outros.



JULIANA: Perfeito! Há mais uma pergunta para você, Glen. Eu acho que nunca te fiz esta pergunta. Portanto, eu também estou curiosa para ouvir a resposta. Nós vivemos um momento delicado, não somente no Brasil, mas em todo o mundo. A pergunta é a seguinte: “Muitas democracias, hoje em dia, sofrem com a falta de engajamento de sua população, que têm deixado de votar. E isto é algo que também tem acontecido no Brasil. Então, como as tecnologias sociais, que você mencionou, podem ajudar a mudar este cenário?”



GLEN: Bem, eu penso que uma das coisas que sabemos é que as pessoas estão muito engajadas com suas mídias sociais. Nós gastamos uma enorme quantidade de tempo nelas. E as pessoas passam muito tempo discutindo política. Portanto, há muita energia, devoção e engajamento. Porém, elas têm sido direcionadas sem as estruturas de incentivo corretas. Assim, elas fazem com que as pessoas mergulhem cada vez mais fundo em qualquer coisa que as envolva mais, ou que as faça concentrar mais sua atenção, ao invés de serem direcionadas para competências que ajudem o sistema a funcionar, alcançar acordos razoáveis e para deliberação e, assim por diante.

Portanto, se nós pudéssemos canalizar esta energia que já existe, direcionando-a para propósitos que de fato sirvam ao sistema, ao invés de somente servir para que as pessoas se viciem e fiquem focadas em seus telefones, então nós faríamos um grande progresso em direção à melhoria do sistema político. E isso foi precisamente o que foi feito em Taiwan.

Nesse sentido, as pessoas não estão gastando mais tempo digitalmente engajadas em Taiwan. Elas estão gastando a mesma quantidade de tempo, mas elas usam este tempo em locais que de fato as levará a solucionar problemas, ao invés de ficarem apenas brigando umas com as outras, ou mergulhando cada vez mais profundamente em pequenos grupos “balcanizados”.



JULIANA: Ótimo, Glen! Há outras questões sendo enviadas, mas são muitas. Então, provavelmente, não teremos tempo para fazer todas. Dentre elas, tem uma muito interessante: “O Cooperativismo de Plataforma pode ser uma alternativa inovadora para um capitalismo de economia solidária neste futuro de inovações?”.



GLEN: Com certeza! Eu acredito que este seja um passo muito importante. Mas, eu acho que precisamos ter uma compreensão muito mais abrangente do significado de “cooperativo” do que tínhamos no passado. Antigamente, pensávamos em cooperativas como sendo algo controlado pelos trabalhadores. No entanto, os consumidores são essenciais para o mercado e, cada vez mais, não somente os consumidores, como também as pessoas das cadeias de abastecimento. Pessoas comentarão nas plataformas... há um conjunto de relações muito complexo.

Portanto, nós precisamos aprender como possibilitar o autogoverno desses sistemas pelas pessoas que participam deles, de uma forma que não seja tão rigorosa. Por exemplo, os trabalhadores deveriam ser os donos das fábricas, ou algo do tipo.

Nesse sentido, é exatamente isto que estas novas ferramentas têm possibilitado. Eu vejo o movimento Plataformas Cooperativas como algo muito próximo ao que estamos todos trabalhando no RadicaXChange (“Intercâmbio Radical”). Eu não acho que novas plataformas deveriam ser criadas como cooperativas. Entretanto, eu acho que esta seria uma ótima possibilidade.

Na verdade, eu acho que poderíamos usar antitruste como uma alavanca, para forçar as empresas existentes com poder de mercado a operar mais como cooperativas. Por exemplo, eu sei que a Juliana (apresentadora da palestra) e eu já conversamos muito sobre isto, mas eu acredito que podemos usar isto como um “remédio” para tratar o poder de mercado, em casos de antitruste, transformando as estruturas de responsabilização.

Dessa forma, os consumidores, os trabalhadores e todos aqueles sobre os quais as empresas exercem poder (que encontramos em pesquisas), têm a possibilidade de participar. Assim, essas ferramentas têm feito com que isso seja muito mais possível, em uma escala muito maior do que jamais se tenha concebido.



JULIANA: Certamente eu sou muito familiarizada com as temáticas relacionadas ao uso de instrumentos legais de antitruste e com a lei da concorrência, uma vez que venho pesquisando este campo e as possibilidades que temos hoje de enfrentar o poder de mercado das grandes companhias de tecnologia, obviamente, sem matar a inovação. Pelo contrário, o que queremos é incentivar um ambiente de inovação.

Eu vou até citar o que o Glen disse: que nós deveríamos encontrar o remédio certo, para não matar o paciente. Porque a promoção de inovação, na verdade, gera uma série de externalidades positivas, para os consumidores, para a sociedade e para o desenvolvimento da economia. Então, a ideia é, precisamente, trabalhar nas medidas corretas para promover a inovação.

Avançando para a próxima pergunta. Temos perguntas aqui que eu diria que são jurídico-filosóficas. Assim, uma das questões é: “O que pode ser feito para reverter a situação de agressividade da nossa sociedade?” uma vez que, hoje, no Brasil, temos uma polarização muito grande, mesmo que isto não seja algo exclusivo de nosso país. Portanto, como você responderia a esta pergunta?



GLEN: Bem, eu acho que a questão chave é a criação dos incentivos corretos, o ambiente apropriado para incentivar esse tipo de cooperação. O problema é que, se você pensar no ambiente atual das mídias sociais, tudo é voltado para fornecer às pessoas conteúdos prováveis de chamar e focar mais sua atenção. Portanto, as pessoas acabam por ficar em grupos restritos, muito personalizados, que muito provavelmente vão agradá-las mais, ao invés de apresentar conteúdos que permitam às pessoas formar coalizões e cooperar umas com as outras.

Por exemplo, em Taiwan, eles têm um ótimo sistema para deliberação (em inglês, é chamado de Polis, mas tem um nome diferente em Taiwan), em que as pessoas podem propor soluções para problemas desafiadores. Para tanto, eles usam alguns tipos de ferramentas, como Processamento de Linguagem Natural e Inteligência Artificial, para resumir toda essa informação em alguns poucos comentários, para que as pessoas possam ler. Apesar de parecer algo complicado, podemos pensar no que a Wikipedia faz. Na Wikipedia, milhares de pessoas participam, no entanto, eles sintetizam essas informações em um artigo que qualquer um pode ler. Em outras palavras, você tem um monte de posicionamentos, que representam diferentes grupos dentro da população, e estes indivíduos vêm e dizem: “Bom, eu acho que essa é uma potencial resolução para essa divergência”.

Então, cada ideia é pontuada, não apenas baseado em quantas pessoas gostam dela, mas em quantas pessoas de diferentes grupos se conectam e têm um consenso surpreendente sobre essa afirmação. Dessa forma, isso cria um incentivo muito forte para as pessoas que participam da discussão, para fazer com que elas se unam, ao invés de afastá-las ainda mais.

Portanto, estes são os tipos de tecnologias que nos oferecem a possibilidade de alavancar o poder de cooperação e o consenso do ambiente que nós temos neste momento, ao invés de promoverem ódio e divisão. Ao mesmo tempo, elas reconhecem as diferentes perspectivas. Elas não eliminam as diferenças ou as moderam, ou algo assim. Ao contrário, elas reconhecem as nossas diversidades. E, baseando-se nestas diferenças, encontram formas de cooperar.



JULIANA: Glen, nós temos aqui um aspecto que eu acho que seria importante recapitular. Embora Glen seja sempre muito preciso em suas apresentações, sendo capaz de comunicar diversas ideias, nós acabamos por presumir que todos na audiência conhecem o livro de Glen. Além disso, houve um grande evento em Detroit, sobre o livro de Glen, que eu tive a oportunidade de participar. Neste evento, foram dados muitos exemplos de experimentações relacionadas às ideias do livro, que eu recomendo a todos.

Assim, há uma pessoa do público pedindo para que você dê exemplos de Votos Quadráticos, ou seja, exemplos claros de quando os Votos Quadráticos podem ser usados. Apesar de eu já ter visto muitos exemplos, eu gostaria que você os compartilhasse com o público, porque eu acredito que este é um tema muito interessante, que inclusive poderia ser testado no Brasil, em diferentes situações.



GLEN: Ótimo! Então, deixe-me dar alguns dos meus exemplos favoritos. No Colorado, com o objetivo de alocar o orçamento, eles utilizaram o Voto Quadrático entre os legisladores, na Bancada Democrática da legislatura estadual do Colorado. Assim, as propostas que receberam a maioria dos Votos Quadráticos, receberam a maioria dos fundos, ou foram incluídas no orçamento.

Um outro exemplo é que o Financiamento Quadrático pode ser usado para apoiar a mídia local. Nós sabemos que, por um lado, se deixarmos nas “mãos” do mercado, não investiremos o suficiente em mídia para que possamos ter um jornalismo de alta qualidade. Mas, por outro lado, tampouco queremos que o governo controle a mídia.

Portanto, o Financiamento Quadrático proporciona uma maneira de dar apoio público a uma mídia que as pessoas queiram apoiar, que o público queira apoiar, sem, contudo, dar ao governo a possibilidade de ditar para onde irão esses fundos.

Mais um exemplo de aplicação de Votação Quadrática, é este jogo que mencionei, o “Civilization”. Neste jogo, há múltiplas civilizações e elas estão, de certa forma, competindo. Elas estão tomando decisões diplomáticas sobre coisas que deveriam acontecer no mundo. Então, cada país ganha o que é chamado de *Diplomatic Favour* (“Favor Diplomático”) e eles podem usá-los para votar diferentes decisões, tomadas pela comunidade mundial, utilizando Votação Quadrática.

Portanto, estes foram alguns exemplos bem diferentes uns dos outros. Um outro exemplo como este último, diz respeito a projetos de arte participativa que tem sido feito no Reino Unido para decidir quais obras de arte pública serão criadas e como elas serão, usando Votação Quadrática, numa galeria de arte muito famosa chamada, Further Fields (“Campos que Vão Além”).



JULIANA: Excelente! Eu acho que estes foram ótimos exemplos, muito diversificados. Nós temos mais uma pergunta: “Quais são suas afinidades e discordâncias com Web Three Crowd?”



GLEN: Esta é uma ótima pergunta! Eu sou um grande fã da noção de internet, embora, neste momento, a internet não tenha as capacidades que precisa ter para que possa possibilitar a descentralização. Portanto, nós precisamos de um novo conjunto de capacidades para fazer com que isto seja possível. Dessa forma, eu estou completamente de acordo com a Web Three Crowd. Entretanto, na verdade, eu não acho que Blockchain, como uma tecnologia, seja uma ferramenta muito poderosa para atingir este objetivo. O problema é que Blockchain é baseada numa espécie de noção de livro de referência público, aberto e global (Public Ledger), ao invés de ser baseada em uma rede de interseção de diferentes comunidades, como aquela em que se baseava a internet original. A noção original de uma rede consistia em um monte de comunidades conectadas umas às outras, que então se conectavam umas às outras e, assim por diante. Mas, ao contrário disto, Blockchain é baseada em um único estado público global, totalmente disponível.

Portanto, isto não permite que as coisas que queremos que aconteçam, aconteçam muito bem. Por exemplo, no Blockchain, todos têm alguma chave pseudônima que eles usam para fazer transações monetárias ou qualquer outra coisa. Porém, se pensarmos em algo como, um *NFT* (“Token Não-Fungível”)...

O que dá valor a um *NFT* é exatamente sua edição limitada e se alguém, que você realmente conhece, se compromete com ele. Para que se possa estabelecer este compromisso, você tem que postar algo, ou fazer um comunicado de imprensa, ou publicar no Twitter, ou o que quer que esteja ligado ao Blockchain. O Blockchain, por si só, não possui nenhum valor porque a escassez é criada por uma pessoa ou instituição, ao fazer uma declaração sobre o valor.

Dessa forma, a melhor versão de Web of Three seria aquela em que a informação identitária fosse, na verdade, conectada à própria tecnologia. Então, ela não teria que acontecer do lado de fora. Algo parecido com a atual arquitetura de Web Three não permitiria que as coisas fossem simultaneamente baratas e descentralizadas. Ou você vai para um Side Chain (“Plataforma Marginal”) ou para um destes serviços internos como Coinbase, se você quiser fazer uma transação barata, ou você o faz numa plataforma pública (Public Chain), onde as transições são realmente muito caras. Em outras palavras, este sistema não permite concomitantemente, descentralizar e criar um tipo de larga escala, as quais precisamos para fazer com que as coisas funcionem de forma eficiente.

Portanto, eu acredito que Web Three seja uma ótima direção a ser considerada, uma vez que está realmente impulsionando as coisas. Mas, em última análise, assim como a internet, ela requer investimento público, cooperação entre a universidade e o setor privado, e também entre os governos em todo o mundo, para que possamos construir a arquitetura que queremos. Foi assim que surgiu a Web. A descentralização da Web original não foi algo que partiu de um hacker, lançando algo por aí, mas sim de um conjunto coordenado de investimentos feitos pelo governo dos Estados Unidos, universidades e uma série de empresas. Então, eu acho que nós vamos precisar da mesma coisa para, de fato, fazer com que a visão da Web Three se concretize.



JULIANA: Ótimo! Nós temos outras perguntas aqui. Vou ter que selecionar uma. “Você vê um maior alinhamento com a comunidade criptoracionalista?”



GLEN: A forma como eu penso isto é a seguinte: há, no século XX, alguns tipos de ideologias, como, por exemplo, o facismo, o comunismo, que foram, de certa forma, deixadas para trás. Além disso, eu vejo um novo espectro emergente. Então, na verdade, esperamos organizar um debate em torno disso, talvez incluindo algumas das pessoas sobre as quais falamos anteriormente. Eu acho que uma das peças que poderiam se envolver nesse debate, seriam aquelas pessoas relacionadas à “Singularidade Tecnológica de Inteligência Artificial” (AI Technological Singularity). Em outras palavras, aquelas pessoas que acreditam que teremos algum tipo de Inteligência Artificial geral que irá, de alguma forma, planejar o mundo, criar muita riqueza, dar a todos uma renda básica universal, etc. Assim, Sam Altman é um bom exemplo deste tipo de ponto de vista.

Em seguida, há um grupo de pessoas que pensam que estes tipos de tecnologia levarão a um tipo de descentralização radical, na qual será cada indivíduo por si. Por exemplo, há um livro chamado “O Indivíduo Soberano” (The Sovereign Individual) no qual a Balaji frequentemente fala sobre, que expressa esta visão.

Ademais, o terceiro ponto de vista, que é a posição que eu sustento, eu chamaria de “Democracia Digital” ou “Pluralismo Digital”. Esta é uma visão na qual o futuro que queremos não é centralmente planejado pela Inteligência Artificial, nem fragmentado, cada indivíduo por si. Ao invés disto, nós teríamos cada vez mais diversificadas comunidades democráticas que se interceptam. Dessa forma, essas comunidades teriam a capacidade, simultaneamente, de se auto-governarem e de cooperarem com outras comunidades para resolverem problemas mais amplos. Para mim, esta é a visão de uma verdadeira rede (network).

Quando Balaji fala sobre o Network State (“Estado de Rede”), ele, na verdade, não tem em mente uma rede, uma vez que uma rede é constituída de comunidades e essas comunidades cruzam umas com as outras e também com indivíduos, para criar estruturas maiores. Portanto, eu acredito que esta seja a visão que queremos: uma verdadeira governança de rede, ou seja, uma rede democrática de autogoverno (self-governance), e não algo como indivíduos polarizados, cada um por si, nem tampouco uma estrutura global de cima para baixo, como aquela sugerida pelo pessoal da Inteligência Artificial.



JULIANA: Glen, você irá responder algumas questões relativas a custos de transações também, então, talvez você possa dar alguns bons exemplos de como a inovação e a tecnologia podem ajudar a reduzir os custos de transações.



GLEN: Custos de transação é um termo muito vago... muitas vezes, o que queremos dizer com custos de transação, na verdade, corresponde à informação que nos falta. Portanto, a tecnologia da informação é obviamente uma das maneiras mais poderosas de transformar qual informação estará disponível e para quem. Além disso, custos de transação frequentemente querem dizer as diferentes formas de funcionamento da posse e da propriedade e os incentivos que nos dão para mentir ou distorcer os sistemas. Novamente, as tecnologias sociais nos dão a capacidade de transformar isto. Então, se você reunir esses dois elementos: mudanças nas estruturas de informação e mudanças no tipo de posse e nas estruturas dos direitos de governança... Em outras palavras, nossa habilidade de participar de maneiras mais enriquecedoras da governança coletiva. Assim, eu acredito que a tecnologia da informação é uma tremenda fundação para transformar ambas estas coisas, além de possibilitar um novo sistema de governança.



JULIANA: Glen, a partir do momento em que aconteceram mudanças no governo dos EUA, uma nova discussão surgiu. Por exemplo, ocorreram manifestações em frente à “Comissão Federal de Comércio” (FTC – Federal Trade Commission). Além disso, algumas ideias do seu livro, “Mercado Radical” (Radical Market), até mesmo se comunicam com essas ideias que têm sido discutidas muito atentamente nos dias de hoje, na área acadêmica, como se houvesse uma negação do passado, sendo testado no presente. Então, aproveitando essa oportunidade de ter você aqui, eu gostaria de pedir que comentasse como isso tem sido visto nos EUA, uma vez que há uma grande preocupação em torno dessas ideias, incluindo os impactos que elas poderiam gerar no processo criativo da inovação e do desenvolvimento tecnológico.



GLEN: Eu acho que é realmente extraordinário quão longe chegamos, em termos de pensamento antitruste, em apenas alguns anos, Juliana. Quando eu conversava com você sobre as ideias dos livros, as ideias que nós estávamos promovendo, pareciam um tanto quanto radicais. Porém, agora elas na verdade parecem, de certo modo, bastante convencionais ou mesmo conservadoras dentro do pensamento antitruste nos Estados Unidos. Portanto, a noção em que paramos se dilui para evitar novos competidores.

E foi algo bem audacioso quando o livro propôs esta ideia. Mas agora, todos parecem concordar com isto. Por exemplo, a participação horizontal é algo muito convencional agora... lidar com o mercado de trabalho usando ferramentas antitruste é algo muito convencional agora. Nesse sentido, eu acredito que precisamos continuar nos movendo neste ritmo. Eu não acho que já tenhamos encontrado as soluções.

Necessitamos continuar inovando. Além disso, eu acho que a ideia de ultrapassar a divisão entre o antitruste que quer bloquear e desmembrar e, por outro lado, a necessidade de fazer as coisas em larga escala, é algo absolutamente crucial. Assim, isso é o que algumas dessas ideias sobre democracia econômica e antitruste são capazes de fazer, embora elas ainda possam soar um pouco ousadas. Agora, eu prevejo que, em alguns anos, eles serão sabedoria convencional. Então, eu espero que lugares como o Brasil, que são criativos e podem estar na vanguarda, ajudarão a avançar as fronteiras e pensar sobre estes.



JULIANA: Excelente! Para aqueles que não sabem, eu tive o prazer de ganhar um prêmio, aqui no Brasil, com as ideias do Glen relacionadas ao mercado de trabalho, aplicadas à realidade brasileira. Portanto, eu gostaria de ouvir você, Glen, porque, de fato, há dois anos atrás, algumas dessas ideias pareciam muito mais radicais do que hoje. Entretanto, nós temos aqui uma pergunta muito mais genérica, sobre Inteligência Artificial: se regular a Inteligência Artificial seria necessário para reduzir a influência do poder econômico sobre as democracias e a sustentabilidade ambiental.



GLEN: Então, eu acho que IA (Inteligência Artificial) não é realmente a concepção correta do futuro da tecnologia, uma vez que IA nos conduz para esta noção de sistemas autônomos, na qual estamos tentando, de alguma forma, imitar as capacidades humanas. Portanto, como escrevi recentemente em parceria com Daron Acemoglu e Michael Jordan, um proeminente economista e cientista da computação, eu acho que o que realmente deveríamos focar como sendo o objetivo de nossas tecnologias é em permitir que as pessoas cooperem de novas maneiras, para melhorar as capacidades das pessoas, ao invés de imitar ou substituir as capacidades humanas.

Adicionalmente, se desenvolvermos tecnologias nesta direção, teremos muito mais chances de não somente lidar com questões sociais e ambientais, mas também com quaisquer problemas que surjam dessas tecnologias, porque os humanos e seus valores, as coisas que eles observam pelo mundo, em comunidades descentralizadas, serão embutidos na própria estrutura de como as tecnologias irão operar.



JULIANA: Glen, eu não quero tomar muito mais do seu precioso tempo, mas para que possamos fechar esta palestra maravilhosa, você poderia, por favor, comentar sobre alguns dos efeitos da relação entre economia e política? Em outras palavras, como você imagina o futuro do poder econômico em relação ao poder político? Além disso, você poderia comparar estes aspectos com as ideias do livro, “Mercados Radicais”?



GLEN: Eu acho que agora nós estamos em um momento muito delicado... As pessoas sentem que estão perdendo o poder de agência sobre suas vidas. Elas também estão muito preocupadas com a concentração de poder em empresas de tecnologia e com a forma com que isto se relaciona com poder dos governos. E com isso elas estão tentando encontrar maneiras de superar. Além disso, nós temos os movimentos antivacina, os protestos anti-confinamento, protestos de “Vidas Negras Importam” (Black Lives Matter), até os movimentos “Cripto”. Todos eles são uma espécie de reação contra essa concentração de poder. Ainda, esses movimentos podem levar à violência, podem levar à fragmentação social, ao caos.

Ou, em vez disso, eles podem levar a nos unir. E para as pessoas em posições de poder se darem conta de que isto não é sustentável, elas terão que se reformar. Dessa maneira, quais serão as escolhas feitas, estará nas mãos dessas pessoas em posições de poder. Então, eu tenho a honra, na Microsoft, de falar com algumas dessas pessoas, e talvez você (Juliana) tenha a honra de falar com alguns deles no Brasil. Finalmente, eu espero que todos nós possamos levar essa mensagem sobre o potencial da democracia do futuro a todas as pessoas que tenhamos a chance de oferecer essas opções.



JULIANA: Muito obrigada! Foi um enorme prazer estar aqui com o fundador da *RadicalXChange* (“Intercâmbio Radical”), que também está fazendo um excelente trabalho disseminando essas ideias que estão profundamente alinhadas com o desenvolvimento tecnológico. Eu espero que nós possamos nos encontrar em breve e que tenhamos a oportunidade de participar de outros eventos da “Semana de Inovação”. Uma vez mais, parabéns pelos seus trabalhos acadêmicos e profissionais, e também pelo seu engajamento com essas ideias. E muito obrigada por estar aqui conosco!

GLEN: Muito obrigado!



